

Marxismo; qualquer leitor reconhecerá que constituem um aviso sério que não podemos dispensar quando confrontamos os problemas do mundo actual.

As últimas palavras com que os compiladores decidiram fechar *The Solzhenitsyn Reader*, uma “Oração pela Rússia”, e que aqui reproduzo directamente do livro, são um testemunho eloquente da grandeza do homem. A escolha não é certamente desapropriada quando se comenta um livro sobre política, literatura, tirania e a alma humana. Por mais breves que possam ser as palavras de introdução ao pensamento de Solzhenitsyn, estarão sempre incompletas se não reproduzirem o reconhecimento constante da presença de

Deus, o qual reconhecimento marca de forma indelével a obra do autor:

Our Father All-Merciful! / Don't abandon your own long-suffering Russia / In her present daze, / In her woundedness, / Impoverishment, / And confusion of spirit. / Lord Omnipotent! / Don't let, don't let her be cut short, / To no longer be. / So many forthright hearts / And so many talents / You have lodged among Russians. / Do not let them perish or sink into darkness / Without having served in Your name. / Out of the depths of Calamity / Save your disordered people.

*DOCENTE DA FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

POR CARLOS MARQUES DE ALMEIDA*

O Novo Mundo

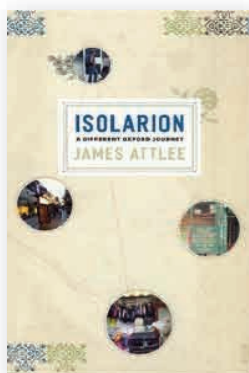
A melancolia é um sentimento de todos os tempos. *Isolarion – A Different Oxford Journey*, da autoria de James Attlee, é um livro melancólico, uma peregrinação urbana, fragmentária e pós-moderna numa rua anónima no lado errado de Oxford – Cowley Road. Em plano de fundo, as reflexões de Robert Burton, autor da obra *The Anatomy of Melancholy*, publicada no ano de 1621, parecem guiar e inspirar Attlee na sua aventura pelo “hinterland” de uma Inglaterra exótica, tropical e estranha. Se Robert Burton expiava a sua melancolia entre o Christ Church e as filas de livros na biblioteca da Bodleian, James Attlee viajou na rua e registou a vida de um velho lugar. Cowley Road já foi lugar de uma fonte milagrosa, morada de dragões no tempo do Rei Artur, zona de leprosos na Idade Média, refúgio de pobres e de indigentes no século XIX, subúrbio industrial em pleno século XX. A rua a leste de Oxford é hoje uma espécie de Torre de Babel, uma configuração do rosto confuso de um país multicultural. Distante de Elgar e da nostalgia de *Brideshead Revisited*, distante da melancolia agreste do som working class dos The Clash, Cowley Road irradia a melancolia de um lugar feito de todos os lugares e dispersa a nostalgia nos sons electrónicos de um DJ asiático no palco improvisado de um teatro Vitoriano.

Na aparente e simples melancolia, *Isolarion* é também um livro sobre política. Pode mesmo falar-se da existência de uma “Política da Melancolia”, aliás um tema recorrente no século XVII de Robert Burton. Se a melancolia atormentava o espírito do homem e condicionava a acção e disposição do corpo humano, os escritores e

filósofos do século XVII exploraram novas e outras conceptualizações da doença para poderem dissertar sobre as desordens do corpo político. Assim, o conflito político, a revolta popular, o predomínio da facção, a guerra civil, passaram a ser observados como representações da natureza melancólica do corpo político. Ao escreverem sobre a fonte e a origem da melancolia, escritores e filósofos reflectiam sobre as causas e as curas de uma doença que provocava a desordem no governo e a infelicidade nos governados. Sendo a política uma representação da

doença, a cura para a doença representava a solução para as convulsões da política. A regeneração do corpo político projectava assim o desejo de felicidade e a saudável ambição de uma nova ordem no mundo dos homens. Neste movimento marcado por uma irresistível lógica formal, estaria então definida uma associação entre o mal da Melancolia e a solução da Utopia. Em *The Anatomy of Melancholy*, e dissertando sobre as origens e o mal de uma vida indolente, Robert Burton associava esse particular modo de vida ao sintoma de uma doença que afectava o corpo político. O destino da nação jamais seria alcançado enquanto o espírito político não fosse libertado de tão séria enfermidade. Robert Burton idealiza então um reino imaginário,

um país perfeito, um império no qual a todo o homem seria vedada a possibilidade de uma existência indolente, ao mesmo tempo que o Estado suportaria toda e qualquer genuína necessidade. Em *Isolarion*, James Attlee não propõe nenhuma Nova Utopia. No entanto, Attlee projecta nos tempos de hoje um olhar e uma atenção que remetem para o carácter de uma tradição associada a uma “Política da Melancolia”, e em particular quando, na vulgaridade e no anonimato de Cowley Road, o Autor afirma



Isolarion
A Different Oxford
Journey
James Attlee

ter encontrado “a barometer of the health of the nation”.

James Attlee, o flâneur no outro lado de Oxford, encontra em Cowley Road os pequenos vestígios de todos os mundos. Uma rua cujo carácter se resume a um somatório de identidades díspares, à presença de etnias múltiplas, ao ritual de muitas religiões, à contingência de vidas provisórias assinaladas por todos os conflitos do mundo. Tal como na Índia em tempo colonial, a língua inglesa opera na margem enquanto idioma político que mantém a aparência de uma ordem. Cowley Road revela uma sequência impressionante de lugares — restaurantes da Jamaica, do Bangladesh, da Índia, da Polónia, da China, do Kurdistan, da França, do Japão, da Itália, da Tailândia, da Ucrânia ou do Irão; lojas de saris, cafés étnicos, um posto do Royal Mail, lojas de fast-food, floristas da Nigéria, pubs com música da Síria, lojas de tatuagens, um supermercado com especialidades da Rússia, lojas de apostas, duas mesquitas, três igrejas, um centro comunitário judaico, três lojas de bicicletas, um cemitério, um ervanário da China, uma loja de conveniência Tesco, uma esquadra de polícia, dois centros de medicina alternativa, um escritório da Oxfam, um cinema independente, vários call centres, um bingo, uma loja de penhores ou um estabelecimento de lap-dancing que anuncia o seu comércio aos Domingos. Cowley

Road é a face visível de uma Inglaterra pós-colonial e, em certo sentido, o rosto observável de uma sociedade pós-industrial. A morte do Império é a vida das Nações. Mas em Cowley Road, as Nações regressaram para viverem na velha Nação que já foi um Império.

O título *Isolarion* remete para uma palavra do século XV e que denominaria o mapa detalhado de um determinado lugar. No espírito da palavra, existiria ainda a tentação de procurar no detalhe do pequeno lugar os ensinamentos que permitissem a compreensão de todo o mundo. James Attlee cumpriu com rigor os detalhes da viagem, produziu o mapa de um pequeno lugar isolado e descobriu a diversidade de um país multicultural. Mas no final da peregrinação, algumas perguntas persistem na paisagem sobre Oxford — haverá algum limite para a acomodação legítima da diferença? O que garante a unidade de uma sociedade multicultural? Haverá espaço para a promoção de uma qualquer noção de identidade comum?

De regresso a casa, James Attlee não trouxe respostas. Apenas a mesma melancolia que o impeliu para uma pequena odisseia no território fluido de Cowley Road.

*DOCENTE DA FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS

DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Partidos políticos em África

Este relatório baseia-se na análise comparativa de 27 países e de 75 partidos políticos. Os dados apresentados resultam da recolha realizada no período entre 2004 a 2006.

Os partidos políticos são vulgarmente marginalizados nos estudos da política africana contemporânea. Os estudos sobre partidos políticos em África limitam-se, na generalidade, ao papel histórico dos movimentos de libertação.

A liberalização política do continente africano resuscitou a atenção dos cientistas políticos para o continente, mas os partidos políticos apesar de parte crucial deste processo não tem merecido grande atenção. Menos atenção tem ainda merecido os estudos consagrados aos partidos de oposição. Os poucos estudos existentes sobre partidos em África quase nunca atravessam a fronteira do ‘caso de estudo’ ou da limitação geográfica a uma sub-região do continente.

Como enfatizam os autores deste estudo, os partidos políticos são organizações indispensáveis nas sociedades democráticas.

POR ELISABETE AZEVEDO*

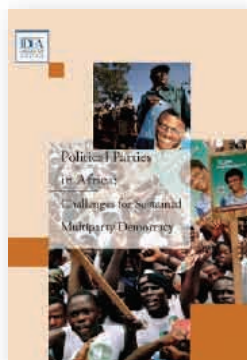
Os autores tentam abarcar nesta obra vários tópicos como: legislação nacional partidária, participação feminina nos partidos políticos, financiamento partidário, práticas de gestão internas dos partidos, programas elei-

torais, posicionamento ideológico, e o papel dos partidos na função representativa das populações.

O presente relatório tem o mérito de sistematizar dados sobre partidos de quase todo o continente e de levantar questões para futura investigação. O relatório é sem dúvida obrigatório nas prateleiras dos cientistas políticos e dos africanistas.

O relatório pode ser adquirido via internet ou download no site: http://www.idea.int/publications/pp_africa/index.cfm

* DOUTORANDA NA UNIVERSIDADE DO CABO, ÁFRICA DO SUL MEMBRO DO LUSO FÓRUM PARA A DEMOCRACIA IEP/UCP



**Political Parties in Africa
Challenges for
Sustained Multiparty
Democracy**

**M.A. Mohamed Salih
and Per Nordlund**

International IDEA,
2007, 144pp